

O ESTATUTO DOS CONSTITUENTES MORFOLÓGICOS E O CONTINUUM COMPOSIÇÃO-DERIVAÇÃO EM PORTUGUÊS

Carlos Alexandre GONÇALVES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

Katia Emmerick ANDRADE
(Universidade Estácio de Sá – UNESA)

Resumo: Neste artigo, discutimos o estatuto dos seguintes elementos morfológicos frequentemente usados na formação de novas palavras no português brasileiro: *afixoides* (*bio-combustível, eco-sustentabilidade*), *splinters* (*choco-tone; sogra-drasta*) e *xenoconstituintes* (*cyber-café; e-professor*). Ao longo do texto, observamos em que medida esses constituintes se comportam como radicais e em que aspectos equivalem a afixos. Pretendemos, com isso, justificar a proposta de *continuum* defendida por Baker (2000) e Ralli (2007), ao mesmo tempo em que demonstramos que outras unidades morfológicas, além de radicais e afixos, devem fazer parte dessa escala.

Palavras-chave: *Morfologia, Composição, Derivação, Formação de Palavras, Continuum.*

PALAVRAS INICIAIS

O tipo de constituinte envolvido na formação de palavras é tacitamente apontado como a principal diferença entre composição e derivação (KATAMBA, 1990, SPENCER, 1991), já que o primeiro processo opera com base em radicais/palavras e o último faz uso de afixos. A categorização das unidades morfológicas, no entanto, é tema de grande debate na literatura recente, como demonstrado, por exemplo, em Baker (2000), Ralli (2007) e Kastovsky (2009). Se, por um lado, o estatuto de um formativo determina o tipo de operação morfológica, por outro, nem sempre é fácil decidir se uma unidade constitui afixo ou radical¹, o que levanta a questão de saber se há limites precisos entre as categorias morfológicas e, em decorrência, entre os dois principais processos de formação de palavras: a composição e a derivação.

Neste texto, procuramos mostrar, seguindo Baker (2000) e Ralli (2007), que as unidades envolvidas na formação de palavras podem ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas. Para esses autores, afixos e radicais livres ocupam os dois extremos da escala, enquanto radicais presos localizam-se em posições mais ao centro. Uma abordagem dessa natureza representa as semelhanças compartilhadas por diferentes constituintes, como, por exemplo, a propriedade *boundness*, característica tanto de afixos quanto de radicais presos.

Com base em formações mais recentes do português (sobretudo em sua variante brasileira), pretendemos demonstrar que vários tipos de elementos morfológicos, além de radicais presos, podem ser dispostos no *continuum* radical-afixo, pois igualmente dão mostras da dificuldade de categorizar como compostas ou derivadas as construções morfológicas de que participam. Tal é o caso dos seguintes constituintes abaixo exemplificados:

¹ Neste texto, utilizamos o termo radical como sinônimo de raiz: “forma que sobra quando todos os elementos morfológicos – marcadores de palavras, flexões e derivações – são isolados de uma palavra” (KASTOVSKY, 2009: 9). Tal constituinte pode ou não necessitar de material morfológico para se realizar como palavra. Embora se possa diferenciar raiz de radical, consideramos os termos sinônimos e optamos pelo último por considerar que o primeiro está comprometido com informações de natureza etimológica.

- (01) afixoides: *petro-*, *bio-*, *eco-*, *tecno-*, *tele-*, *homo-*;
splinters: *-nejo*, *-nese*, *-drasta*, *-trocinio*, *caipi-*;
reduções resultantes de processos de *clipping*: *choco-*, *info-*, *euro-*; e
xenoconstituintes: *cyber-*, *-gate*, *pit-*, *e-*, *-burger*.

No presente artigo, discutimos o estatuto morfológico dos elementos em (01), observando em que medida se comportam como radicais e em que aspectos equivalem a afixos, justificando, assim, a proposta de *continuum* defendida por Baker (2000) e Ralli (2007).

O texto se estrutura da seguinte maneira: em primeiro lugar, listamos as principais diferenças entre afixos e radicais para, em seguida, refletir sobre o estatuto de formativos como *homo-* ('homo-afetivo'), *-drasta* ('sogra-drasta'), *cyber-* ('cyber-café') e *e-* ('e-professor')². Com base no mapeamento, na descrição e na análise de constituintes morfológicos difíceis de classificar, apresentamos recentes enfoques sobre o binômio composição-derivação e concluímos o texto mostrando que uma categorização baseada em protótipos é mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português.

1. DAS DIFERENÇAS ENTRE RADICAL E AFIIXO

O estabelecimento de critérios empíricos pode ser útil na tentativa de se reconhecerem as principais características de afixos e radicais mais prototípicos. No entanto, a operacionalização desses parâmetros tende a ser difícil na prática, uma vez que os agrupamentos podem ser contraditórios, o que acaba (1) relativizando a categorização do formativo e, conseqüentemente, (2) colocando em xeque (a) a eficácia do critério e (b) a existência de fronteiras rígidas entre composição e derivação. A seguir, apresentamos os principais atributos dessas duas unidades de análise morfológica. Começamos com os afixos, que, em linhas gerais, caracterizam-se pelas seguintes propriedades:

(a) são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição pré-determinada na estrutura das palavras, vindo daí a distinção entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprafixo, interfixo, confixo etc.³;

(b) constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas ('sapat-eiro') ou livres ('mes-ário');

² Utilizamos o hífen apenas para sinalizar uma fronteira de constituintes morfológicos. Por isso mesmo, a hifenização nem sempre corresponde à preconizada pelo novo acordo ortográfico.

³ Os termos são autoexplicativos, definindo-se pela própria constituição morfológica da palavra. Desse modo, o elemento recorrente, *fixo*, corresponde ao radical, núcleo básico de significação da palavra, e o tipo de afixo é determinado pelo formativo que figura à esquerda. Assim, *prefixo* é a forma que aparece antes da base e *sufixo*, o elemento adjungido após esse constituinte. Um *infixo*, por sua vez, aparece no interior da base, tornando-a descontínua. O *circunfixo*, ao contrário, é um elemento descontínuo e, por isso mesmo, aparece em diferentes lugares da cadeia sintagmática. *Suprafixo* é um afixo de natureza suprasegmental e *interfixo*, um elemento relacional que aparece entre radicais. Por fim, *confixo* designa um formativo caracterizado por oscilação posicional.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

- (c) por serem presos, não formam palavras prosódicas independentes. Dito de outra maneira, são elementos que, em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento;
- (d) são elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada. De acordo com Basilio (1987: 28), “*essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação*”, correspondentes aos vários afixos. Assim, continua a autora, “*a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua*” (BASILIO, 1987: 28); por isso mesmo,
- (e) servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais;
- (f) atualizam significados mais largos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua;
- (g) recorrentemente, atribuem a mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Com efeito, os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem;
- (h) justamente por veicularem ideias gerais, constituem um elenco fixo – e não muito numeroso – de unidades linguísticas, caracterizando, portanto, um inventário fechado;
- (i) impõem restrições semânticas e sintáticas sobre o constituinte a que se agregam. Em outras palavras, selecionam a categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo) e a classe semântica (por exemplo, abstrato/concreto; animado/inanimado; contável/ não-contável) do constituinte com que se combinam; em decorrência,
- (j) ainda que ocupem diferentes lugares na cadeia sintagmática, não se combinam entre si (*super-ismo; *des-mento; *in-ciro); por fim,
- (k) não são sensíveis às regras de redução de coordenação (*Coordination Reduction* – CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR) (cf. KENESEI, 2007: 10).

À exceção do primeiro critério, todos os demais podem ser questionados, o que nos leva a concluir que as propriedades acima mapeadas realmente se aplicam aos representantes mais centrais dessa classe de elementos morfológicos. Por exemplo, o parâmetro (c) faz referência à relação entre categorias morfológicas e prosódicas, pois pressupõe isomorfismo entre palavra morfológica (MWd) e palavra prosódica (PrWd), previsão compatível com a maior parte das derivações do português, como se observa nas representações a seguir, nas quais colchetes sinalizam PrWds e chaves, MWds:

$$(02) \quad \text{MWd} \approx \text{PrWd}$$

$$\left\{ \left[\text{des}_{\text{Af}} \text{leal}_{\text{Rad}} \right]_{\text{PrWd}} \right\}_{\text{MWd}} \quad \left\{ \left[\text{leal}_{\text{Rad}} \text{dade}_{\text{Af}} \right]_{\text{PrWd}} \right\}_{\text{MWd}}$$

$$\left\{ \left[\text{in}_{\text{Af}} \text{apt}_{\text{Rad}} \text{o} \right]_{\text{PrWd}} \right\}_{\text{MWd}} \quad \left\{ \left[\text{apt}_{\text{Rad}} \text{idão}_{\text{Af}} \right]_{\text{PrWd}} \right\}_{\text{MWd}}$$

O critério (c), no entanto, falha na análise de prefixos como *pré-* e *pós-*, sem dúvida alguma realizados numa palavra prosódica independente (03a). Sufixos chamados por Booij (2002) de não-coerentes⁴, como *-mente* e *-zinho*, também projetam palavras prosódicas próprias, impedindo, por exemplo, que a regra de neutralização das pretônicas se aplique (03b):

- (03) a. $\{[\text{pré}]_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{test}]_{\text{Rad}} [\text{e}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}}$
 $\{[\text{pós}]_{\text{Af}}]_{\text{PrWd}} [\text{pág}]_{\text{Rad}} [\text{o}]_{\text{PrWd}}\}_{\text{MWd}}$
- b. $\{[\text{bɛl}]_{\text{Rad}} [\text{a}]_{\text{PrWd}} [\text{mente}]_{\text{Af}}\}_{\text{MWd}}$ (*b[e]lamente)
 $\{[\text{dɔlar}]_{\text{Rad}}]_{\text{PrWd}} [\text{zinho}]_{\text{Af}}\}_{\text{MWd}}$ (*d[o]larzinho)

Também não é inteiramente verdadeira a alegação, feita em (e) e (f), de que afixos necessariamente criam séries de palavras e atualizam conteúdos mais gerais. Como mostra Bybee (1985), o significado do elemento morfológico determina em que medida será ou não aplicável em larga escala: quanto mais geral a semântica do formativo, mais aplicável o esquema de formação que instancia.

Basilio (1987: 29) ressalta que há, em português, afixos com diferentes graus de generalidade e “o teor de produtividade está provavelmente ligado a esse grau de generalidade”. A título de exemplificação, comparemos dois sufixos: *-ite* e *-mente*. O primeiro, por expressar inflamação (‘labirintite’, ‘laringite’, ‘otite’) ou algum tipo de anomalia comportamental (‘paixonite’, ‘preguicite’, ‘frescurite’), sem dúvida alguma é menos geral que o segundo, que forma advérbios a partir de adjetivos (‘sabidamente’, ‘lealmente’, ‘lentamente’). O conteúdo de *-mente* é de grande generalidade e, por esse motivo, praticamente não há restrições a sua aplicabilidade (GONÇALVES, 2005). Como os sufixos *-ite* e *-mente* diferem em generalidade, podemos afirmar, utilizando as palavras de Basilio (1987: 29), que “a diferença no teor de produtividade não é acidental”.

O critério (k) também é discutível, uma vez que não se aplica uniformemente a todos os itens classificados como afixos em português. A maioria impossibilita, de fato, a supressão de constituintes em coordenação (conjuntiva ou disjuntiva), como se vê nos exemplos em (04):

- (04) i-moral e/ou i-legal ≠ i-moral e/ou legal
i-moral e/ou a-moral => *in e/ou a-moral
livr-eiro e/ou livr-aria => *livreiro e/ou aria
menin-ice e/ou crianc-ice ≠ menino e/ou criancice

A impossibilidade de coordenação nos exemplos em (04) se deve ao fato de os afixos carregarem significados por demais generalizados, o que os impede de apresentar livre curso na língua. Entretanto, outros afixos admitem exclusão, sem restrição de direcionalidade, na coordenação binária e/ou n-ária de termos derivados, prefixados ou sufixados, a exemplo dos

⁴ Para Booij (2002), afixos coerentes (do inglês *cohering*) são aqueles integralmente incorporados à palavra prosódica resultante de sua adjunção a uma base; afixos não-coerentes (do inglês *no cohering*), por sua vez, não promovem mudanças fonológicas na palavra-base, que se mantém idêntica em sua constituição segmental, porque projetam palavras prosódicas independentes.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

listados em (05), em que os elementos apagados exercem função sintática e semântica idênticas aos remanescentes, condição necessária à coordenação:

- (05) pré-concurso e/ou pós-concurso => pré e/ou pós-concurso
cordialmente e/ou amavelmente => cordial e/ou amavelmente

Infelizmente, nenhuma das propriedades acima elencadas é exclusiva de afixos ou, pelo menos, caracteriza todo e qualquer formativo considerado como tal. Antes de mostrar em que medida as características apresentadas podem nivelar as duas categorias em análise (radical e afixo), procuremos, em primeiro lugar, uma definição apropriada para radical.

Em linhas gerais, radicais são definidos como os elementos morfológicos que podem, “*por si sós, constituir a base de uma palavra*” (BASILIO, 1987: 11). Frequentemente, radicais se atualizam como palavras a partir do acréscimo das flexões ou dos marcadores de vocábulos (BOOIJ, 2002) e, desse modo, são descritos como a “*palavra despojada de todos os seus elementos flexionais*” (BOOIJ, 2002: 56).

Pelas definições apresentadas, não há a menor dificuldade de considerar radicais formas como ‘mar’, ‘café’, ‘papel’, ‘encontr’ e ‘grat’, apesar de as duas últimas serem diferentes das demais. Obviamente, estamos diante de dois tipos de radicais: os três primeiros são livres, enquanto os dois últimos são presos, necessitando, portanto, de terminação apropriada para funcionar como palavras. Apesar disso, todos os elementos morfológicos em exame são vistos como radicais, pois são constituintes que “*atualizam o significado lexical básico das palavras*” (CRYSTAL, 1988: 212).

Os radicais neoclássicos, chamados de arqueconstituintes por Corbin & Paul (2000), entretanto, não se ajustam bem às definições apresentadas, pois, além de serem unidades presas, não necessariamente se realizam como palavras mediante o acréscimo de elementos flexionais ou temáticos, como os demais radicais presos, o que justifica o estranhamento das sentenças abaixo:

- (06) As fofoqueiras deveriam tomar conta das suas próprias **bios**.
Os novos **bíblios** do Paulo Coelho já venderam um milhão de exemplares.
Minhas **tecas** de selos antigos e de CDs estão quase completas.

De fato, formas como ‘bio’, ‘biblio’ e ‘teca’, entre tantas outras, não se enquadram perfeitamente na classe dos radicais – pelo menos a partir das definições apresentadas. Como os afixos, os radicais neoclássicos podem ser caracterizados por severas restrições posicionais, aparecendo numa borda específica da palavra. Tal é o caso, por exemplo, de *tele-*, sistematicamente encontrado na margem esquerda, e *-cida*, categoricamente vinculado à borda direita:

- | | | |
|------|-------------|--------------|
| (07) | tele-novela | inseti-cida |
| | tele-pizza | rati-cida |
| | tele-sexo | espermi-cida |
| | tele-namoro | germi-cida |

Elementos como *tele-* e *-cida* são radicais ou afixos? A resposta a essa instigante questão sem dúvida alguma dependerá da característica que se quer focalizar. Se considerarmos a primeira

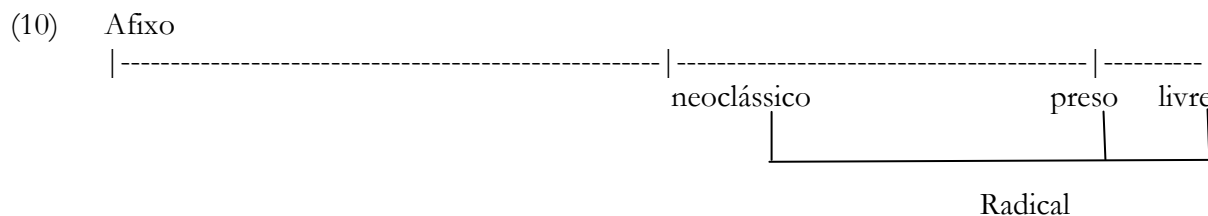
– e mais básica – propriedade dos afixos, apresentada nos critérios (a) e (b), *tele-* e *-cida* têm de ser considerados, nessa ordem, um prefixo e um sufixo, pois, além de serem presos, ocupam posição fixa na estrutura das palavras. Por outro lado, *tele-* e *-cida* não se comportam da mesma maneira quanto à formação de domínios prosódicos, já que somente o primeiro projeta uma palavra prosódica própria, como se vê na representação abaixo⁵. Observe-se a realização da média anterior nos dois casos:

(08) $\{[(t\mathbf{E}l\mathbf{e})]_{PrWd}[(p\mathbf{i}z\mathbf{z}a)]_{PrWd}\}_{MWd}$ não $\{[(tele)]_{PrWd}[(p\mathbf{i}z\mathbf{z}a)]_{PrWd}\}_{MWd}$
 $\{[(germi)(cida)]_{PrWd}\}_{MWd}$ não $\{[(g\mathbf{E}rmi)(ci.da)]_{PrWd}\}_{MWd}$

Além disso, observando o critério (h), o inventário de radicais neoclássicos não é tão aberto quanto o dos demais radicais, o que, mais uma vez, os aproxima dos afixos. Ressalte-se, ainda, que vários elementos neoclássicos apresentam função sintática e semântica pré-determinadas, como preconiza o critério (d) para afixos. Desse modo, se os usos e os significados das palavras derivadas correspondem às funções dos afixos, não hesitaríamos em considerar *-teca* um sufixo formador de substantivos a partir de substantivos, já que esse formativo cria séries de palavras, sempre contribuindo com o mesmo significado nas formas a que se vincula: “coleção”. Como se observa em (09), todas as construções X-teca são interpretadas composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes, em conformidade com o que estabelece o critério (g):

(09) marido-teca foto-teca brinquedo-teca
 video-teca cede-teca cinema-teca
 xeroco-teca media-teca vituo-teca
 porno-teca teatro-teca disco-teca

Por outro lado, os significados que os radicais neoclássicos atualizam são mais lexicais ou, nas palavras de Prêié (2008: 322), “*têm maior densidade semântica*”. Para Ralli (2008: 156), a classe dos radicais (incluindo os neoclássicos) “*carrega um significado concreto, em comparação com os afixos propriamente ditos, que têm papel mais funcional (categorial ou relacional) ou possuem significado mais abstrato*”. Se assim consideramos, radicais neoclássicos se posicionam, no *continuum* sugerido por Baker (2000), entre radicais presos e afixos, como na seguinte representação:



⁵ Muitos prefixos do português são acidentalmente independentes de suas bases, classificando-se, na terminologia de Schwindt (2000), como composicionais, a exemplo de *pré-*, *pós-*, *pró-*, *super-* e *micro-*. A classe dos prefixos que Schwindt (2000) chama de legítimos (p. ex., *des-*, *in-*, *re-*) é minoritária em nossa língua.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

Como sinalizado na introdução, pretendemos expandir o *continuum* formalizado em (10), uma vez que o português apresenta vários constituintes morfológicos que poderiam ser alocados nessa escala, por compartilhar propriedades de radicais e afixos. Na próxima seção, mapeamos e analisamos cada tipo de formativo referenciado na introdução: afixoide, *splinter* e xenoconstituente.

2. A NATUREZA DIFUSA DOS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

Ao lado da prefixação, da sufixação e da composição – processos de formação de palavras que têm sido investigados razoavelmente bem e cujo estatuto morfológico dos constituintes é relativamente claro –, o português também apresenta inúmeras formações, como as listadas a seguir, cuja inclusão numa classe ou noutra, pelo tipo de formativo utilizado, nem sempre é tacitamente aceita:

(11) *eco-renovação, homo-afetivo, tele-pizza, aero-modelismo, auto-peças, agro-negócio, moto-escola; petro-química;*

(12) *sogra-drasta, mãe-trocínio, whisky-lé, fran-búrguer, caipi-fruta, sorve-tone, secreta-ranha, ovo-nese, sexta-neja;*

(13) *info-excluídos, euro-copa, choco-mania;*

(14) *cyber-avó, wiki-pedia; pt-leaks, pit-bicha; bobs-burguer, lula-gate;*

(15) *e-business, e-formação, e-professor, e-futebol, e-pipoca, i-namoro, i-amigo.*

Sem dúvida alguma, o estatuto dessas construções lexicais – e de seus constituintes, conseqüentemente – é menos óbvio. As formas em questão se estruturam a partir do que se convencionou chamar de *formas combinatórias* (BAUER, 1998; LEHRER, 1998). De acordo com Kastovsky (2009: 02), o rótulo *forma combinatória*, amplamente utilizado na literatura morfológica das últimas décadas do século passado, parece ter vindo do *Oxford English Dictionary*. Segundo o autor, “*o termo foi adotado para nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são identificáveis facilmente com afixos*”.

Os exemplos em (11) constituem-se de elementos morfológicos advindos de palavras importadas diretamente do latim e do grego que aparecem em um número relativamente grande de neologismos utilizados na terminologia técnica e científica, onde são abundantes. Tendo em vista o aumento na frequência de tais formações, é surpreendente que até agora esses elementos não tenham sido investigados de forma sistemática, como aponta Précie (2008: 2):

A teoria morfológica contemporânea ainda não elaborou uma maneira fundamentada e consistente de distinguir afixos de formas combinatórias em geral, e sufixos de formas combinatórias finais, mais particularmente. [...] Esse estado incerto teve implicações adversas não apenas para a teoria geral de formação de palavras [...], mas também para a metodologia e a prática lexicográficas, bem como para o ensino de línguas.

As formações em (11), no entanto, envolvem especialização semântica do constituinte à esquerda, cujo significado de modo algum se relaciona ao etimológico. Por exemplo, ‘eco-renovação’ faz referência à “renovação ecológica” e ‘homo-afetivo’, à “relação afetiva entre homossexuais” (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011). Para alguns autores, entre eles Cunha & Cintra (1985) e Monteiro (1987), as construções em (11) exemplificam o fenômeno da recomposição, pois o constituinte à esquerda, *numa relação de metonímia formal, adquire o significado do composto original e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras* (GONÇALVES, 2011b: 16) preexistentes na língua.

As construções em (12) se estruturam por meio de pedaços de palavras combinados com palavras inteiras. Em sua totalidade, as partículas utilizadas provêm de fenômenos de fusão vocabular: casos de cruzamento ou de substituição sublexical (GONÇALVES & ALMEIDA, 2004; BASILIO, 2005; ANDRADE, 2008)⁶. Por exemplo, a sequência *-trocínio*, que não corresponde a nenhum constituinte morfológico em ‘patrocínio’, foi isolada a partir do cruzamento vocabular ‘paitrocínio’ (“patrocínio do pai”), que favoreceu a criação de palavras em série por meio da substituição, à esquerda, do agente financiador: ‘mãe-trocínio’, ‘avô-trocínio’, ‘tio-trocínio’, ‘auto-trocínio’ (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010).

Os dados em (13) também se valem de encurtamentos combinados com palavras inteiras. A diferença entre (12) e (13) reside no fato de, em (13), os elementos recorrentes se originarem do processo de *clipping*, que, nesse caso, envolve o mapeamento de um pé binário à esquerda da palavra-base, independentemente do estatuto morfológico da forma escaneada. Em todos os casos, formam-se dissílabos paroxítonos com sílaba final leve, o que explica o não-aproveitamento da coda em *informática*: ‘info-peças’, ‘info-professor’, ‘info-comércio’.

As formações em (14) se assemelham às de (13), mas, nesse caso, o encurtamento vem pronto da língua de origem (no caso, o inglês). Tal fato, no entanto, não impede que o formativo emprestado, aqui chamado de *xenoconstituente*⁷ (GONÇALVES & ALMEIDA, 2011), combine-se com bases nativas, a exemplo de ‘cyber-avó’ (“avó moderna, antenada com os recursos tecnológicos”) e ‘wiki-aves’ (“enciclopédia eletrônica sobre aves”). Muitas vezes, a base etimológica comum deixa dúvidas sobre o estatuto não-vernáculo de tais formativos, que acabam sendo vinculados a palavras também encontradas em português, como é o caso de *cibernética*. Como tal processo está comprometido com o grau de nativização do empréstimo, algumas dessas unidades morfológicas costumam admitir duas grafias, como é o caso de ‘cyber-café’ e ‘ciber-café’.

Por fim, as formas em (15), chamadas de *e-termos* (CORREIA *et alii*, 2008), originaram-se da abreviação inglesa ‘e-mail’ (*eletronic mail*). Entende-se por *e-termo* “*cada uma das unidades que apresenta na sua estrutura a partícula e com o significado de electronic/ electrónico*” (CORREIA *et alii*, 2008: 122).

Outra partícula passível de ser inserida no grupo dos *e-termos* é *i-*, constituinte de ‘i-Pod’, aparelho áudio-digital, projetado e vendido pela *Apple Inc.* O nome ‘iPod’ foi cunhado a partir de “POD”, sigla de “Portable On Demand”, precedida da vogal *i-*, que se lê “ai” e significa “eu” em

⁶ Nos casos de cruzamento vocabular, duas formas de bases se fundem, como em ‘apertamento’ (“apartamento apertado”), ou são combinadas sem interposição, a exemplo de ‘brasiguaiio’ (“brasileiro ou paraguaio que vive na fronteira entre esses dois países”). Na substituição sublexical, uma sequência fonológica é interpretada morfológicamente e substituída, como em ‘bebemorar’ (“comemorar à base da ingestão de bebidas alcoólicas”).

⁷ Neste artigo, o termo *xenoconstituente* refere-se às formas encurtadas que representam quaisquer unidades lexicais importadas, principalmente, do inglês (GONÇALVES & ALMEIDA, 2011).

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

inglês, veiculando um sentido pessoal. Esse mesmo *i-* aparece em ‘i-Tunes’, ‘i-Phone’, ‘i-Mac’, ‘i-Tablet’, ‘i-Book’, ‘i-Pad’ e ‘i-Modess’ (capa para iPad), entre outras palavras do inglês amplamente utilizadas em português.

Do mesmo modo que as formas em (14), os *e*-termos podem ser combinados com palavras da língua, a exemplo de ‘*e*-babá’ (referência às atividades da *internet* que entretêm crianças); ‘*e*-pipoca’ (um *site* sobre cinema); ‘*i*-namoro’ (*site* de namoro on-line), dentre outros.

O termo *forma combinatória*, portanto, é usualmente adotado (LEHRER, 1998; DANKS, 2003, FANDRYCH, 2008) para descrever elementos de natureza variada: (1) radicais neoclássicos, com ou sem alteração no significado etimológico, como, nessa ordem, ‘*aero*-lula’ (“avião do ex-presidente Lula”) e ‘*geo*-ciências’ (“ciências da terra”); (2) porções fonológicas oriundas de encurtamentos (*clippings*), nativos ou não, como *choco-* (‘choco-mania’) e *cyber-* (‘cyber-ataque’), respectivamente; (3) itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, a exemplo de *-nejo* (‘pago-nejo’, ‘forró-nejo’, ‘sexta-neja’ << ‘sertanejo’), *-nese* (‘ovo-nese’, ‘macarro-nese’, ‘camaro-nese’ << ‘maionese’) e *-tone* (‘sorve-tone’, ‘choco-tone’, ‘bombo-tone’ << ‘panetone’); e (4) abreviações em que um dos constituintes utilizados se assemelha a uma sigla (os chamados *e*-termos).

De acordo com Kastovsky (2009: 12), o termo "*forma combinatória é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que resolve, e deve ser descartado*". Os seguintes argumentos podem ser utilizados em favor do abandono dessa classe tão heterogênea:

- (a) primeiramente porque parece uma descrição apropriada para a falta de limites precisos entre derivação e composição e para a manutenção de uma diferença discreta entre esses dois mecanismos de ampliação lexical;
- (b) em segundo lugar, não há critérios efetivos que diferenciem formas combinatórias de categorias como radical, afixo, afixoide e *splinters* (produtos de truncamento ou partes de cruzamentos vocabulares ou de substituições sublexicais que passam a formar uma série de novas palavras);
- (c) o terceiro, e o mais importante argumento, evoca os processos morfológicos, tradicionalmente considerados marginais, como o truncamento, o cruzamento vocabular e a substituição sublexical, que não são arbitrários, como preconiza a maior parte da literatura na área (LEHRER, 1998; CHUNG, 2009). Esses processos, que operam regularmente na formação de novas palavras, são fontes indiscutíveis de formativos ainda indefinidos categorialmente e, por isso mesmo, ao lado da composição e da derivação, devem delinear uma escala referente a categorias morfológicas cada vez menos independentes, indo de radicais a afixos.

Para sustentar o *continuum* de formativos aqui proposto, abordamos, ainda que sucintamente, as construções morfológicas que se assemelham entre si por se estruturarem a partir de fragmentos de palavras, em especial a recomposição, por meio de elementos neoclássicos reanalisados (afixoides), e a formação por *splinters* e por xenoconstituintes, incluindo os *e*-termos. Começemos com a recomposição.

3. RECOMPOSIÇÃO

Monteiro (1987: 191) considera a recomposição um tipo específico de composição; alerta, no entanto, para uma característica fundamental dessa operação morfológica: “*trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição*”. Comparem-se as formas listadas em (16), todas com o formativo *auto-* na primeira posição:

(16)	auto-didata	auto-peças
	auto-estima	auto-escola
	auto-imagem	auto-esporte
	auto-atendimento	auto-estrada
	auto-ajuda	auto-rádio
	auto-avaliação	auto-seguro
	auto-exame	auto-shopping

Na primeira coluna de (16), o formativo *auto-*, oriundo do substantivo grego *autós*, atualiza os significados “(de, pelo) próprio” e “(de, por) si mesmo” (CUNHA & CINTRA, 1985: 113). A forma ‘auto-móvel’, apesar de mais opaca, enquadra-se nesse grupo, pois foi criada para designar um veículo que se movimenta com motor próprio, em oposição aos carros antigos, todos com tração animal. Na segunda coluna, aparecem formas recompostas, já que *auto-* perde o significado etimológico e passa a ser usado em referência a alguma característica relevada no domínio “carro” (BELCHOR, 2011: 161). Desse modo, ‘auto-escola’ é uma “escola para condutores (de automóveis)” e ‘auto-rádio’, “um rádio para carros”.

Monteiro (1987) também faz referência ao formativo *tele-*, que, assim como *auto-*, impulsiona o processo de recomposição. Segundo ele, ‘tele-fone’, ‘tele-visão’ e ‘tele-guiar’ não são itens recompostos, uma vez que cada componente vale por si, mas em ‘telenovela’, “*tele – significa ‘televisão’, o que já é bastante diferente*” (MONTEIRO, 1987: 192). O autor conclui que *auto-* (‘automóvel’), *tele-* (‘televisão’) e *foto-* (‘fotografia’) são os elementos morfológicos que configuram a recomposição em português, pois carregam o significado de todo o composto do qual faziam parte.

De acordo com Gonçalves (2011b), as formações recompostas caracterizam o que pode ser denominado de compactação (zipagem), termo que corresponde, em inglês, a *secretion* (JERPERSÉN, 1925; WARREN, 1990)⁸: um arqueoconstituente, aqui entendido como um radical neoclássico, adquire, numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituente e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras. É o que acontece, por exemplo, como *foto-*, de ‘foto-grafia’, em formações como ‘foto-montagem’ e ‘foto-novela’. Nessas construções, *foto-* é utilizada em referência a *fotografia*, não atualizando a acepção primeira de “luz”, “radiação magnética”. Casos mais recentes de recomposições no português contemporâneo envolvem os formativos *eco-*, de ‘ecologia/ecológico’, *homo-*, de ‘homossexual’, e *aero-*, de ‘aeronave’, como se vê nos dados a seguir, em que o elemento à esquerda veicula os significados “ecologia/ecológico”, “gay” e “avião”, respectivamente:

⁸ Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

(17)	eco-turismo	homo-fóbico	aero-lula
	eco-casa	homo-agressor	aero-porto
	eco-via	homo-estimulante	aero-modelismo
	eco-atitude	homo-violência	aero-moça

Outros elementos neoclássicos que estão passando pelo processo de recomposição no português contemporâneo são *petro-* ('petro-química', 'petro-polo', 'petro-dólar'), *agro-* ('agro-negócio', 'agro-indústria') e *bio-* ('bio-combustível', 'bio-degradável'), que estão adquirindo, nessa ordem, os conteúdos "petróleo", "agricultura" e "biológico".

Cano (1998) observa que termos técnico-científicos podem migrar da linguagem de especialidade para a língua geral, principalmente através dos meios de comunicação em massa, o que pode resultar em mudança ou extensão de sentido, ocorrendo o que denomina de "vulgarização lexical". Para a autora, quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem. Segundo ela, foi exatamente isso que ocorreu com elementos eruditos como *auto-*, *eleto-* e *tele-*, entre tantos outros. Com base na análise do formativo *tele-*, Cano (*op. cit.*: 10) observa que esse elemento passa a funcionar como pseudoprefixo⁹, já que "*não exerce a função de preposição nem de advérbio próprias do prefixo e também não se enquadra entre os radicais em razão da deriva semântica e da alta produtividade*".

Cano (1998: 10) destaca que "*uma das dificuldades de adotar o conceito de 'pseudoprefixos' consiste em decidir onde integrar unidades como 'teledependência': se na derivação ou na composição*". Acrescenta, por fim, que tais elementos ficam à margem de qualquer classificação.

Resumindo, a recomposição é um processo morfológico que faz uso de afixoides – elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto de que eram constituintes. No nosso entendimento, afixoides compartilham propriedades de afixos e radicais, justificando a proposta de *continuum* aqui defendida. Por exemplo, em relação ao critério *posição*, afixoides de fato se assemelham a afixos, aparecendo num lugar pré-determinado na estrutura da palavra, mais especificamente na borda esquerda, categorizando-se como prefixoides. Até onde se conhece, elementos neoclássicos de segunda posição não se caracterizam, em português, pela zipagem de uma forma composta, pois preservam, em maior ou menor proporção, o significado etimológico, a exemplo de *-metro*, *-dromo*, *-logo*, *-latra* e *-grafo*, amplamente analisados em Gonçalves (2011b).

Em relação ao parâmetro *boundness*, a classe dos afixoides não se mostra homogênea, pois alguns são formas presas e, por isso mesmo, não funcionam, isoladamente, como palavras, nem mesmo a partir do processo de *clipping*. Em (18a), a seguir, listam-se os afixoides que aparecem apenas no interior de palavras morfológicamente complexas; em (18b), relacionam-se os afixoides que, em função do truncamento, têm estatuto nominal, podendo ser utilizados sozinhos como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933). Observe-se que o volume de formas presas – que, nesse aspecto, portanto, comportam-se como afixos – é bem maior que o de formas potencialmente livres, que mais se assemelham a radicais:

⁹ Afixoides (MARCHAND, 1969); semiafixos (SCHMIDT, 1987); pseudoafixos (KATAMBA, 1990); formas combinatórias iniciais / finais (BAUER, 1988); arqueoconstituintes (CORBIN & PAUL, 2000) e afixos (BAUER, 1979) são algumas das denominações utilizadas em referência aos elementos morfológicos envolvidos na recomposição. Optamos pelo primeiro termo, afixoide, por ser de uso mais generalizado na literatura.

- (18) a. *eco-* (<< ecologia, ecológico), *auto-* (<< automóvel), *tele-* (<< telefone, televisão), *bio-* (<< biologia), *agro-* (<< agrícola), *aero-* (<< aeronave), *petro-* (<< petróleo), *tecno-* (<< tecnologia, tecnológico).
- b. *foto-* (<< fotografia), *homo-* (homossexual), *moto-* (<< motocicleta).

Formas morfológicamente relacionadas por recomposição são extremamente aplicáveis em português, o que, mais uma vez, as faz parecer afixos¹⁰. Se assumirmos que a produção em série caracteriza a derivação, mas não necessariamente a composição (ten HACKEN, 1994; PRÉIÉ, 2008; KASTOVSKY, 2009), certamente deslocaremos os afixoides do lado direito do *continuum* – o dos radicais mais prototípicos. No entanto, os constituintes de um recomposto claramente se realizam em palavras prosódicas diferentes, a exemplo de {[tecno]_{P_rWd}[macumba]_{P_rWd}}_{MWd}, termo utilizado em referência ao gênero musical em que contos de umbanda ganham versão eletrônica. Além disso, a paridade entre forma truncada e forma plena indicia o processo de composição (GONÇALVES, 2011a), já que *petro-* e *homo-*, por exemplo, evocam ‘petróleo’ e ‘homossexual’, nessa ordem. Por fim, afixoides são sensíveis à regra de redução de coordenação para frente (FCR) (KENESEI, 2007). Como se vê nos dados abaixo, quando duas formas são postas em paralelo, a cabeça lexical da primeira pode não se realizar:

- | | | |
|------|------------------------|--------------------------|
| (19) | auto- e aero-modelismo | tele- e auto-atendimento |
| | agro- e eco-negociação | auto- e moto-montagem |
| | homo- e heterossexual | auto- e moto-escola |

Podemos afirmar, com base nessa descrição geral, que afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando, no entanto, com nenhuma dessas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos. Passemos, na sequência, à análise das formações com *splinters*, outro tipo de formativo encontrado na fronteira radical-afixo.

4. FORMAÇÃO COM *SPLINTERS*

De acordo com Lehrer (1998), Bauer (2005) e Chung (2009), entre outros autores, as línguas naturais vêm formando novas unidades lexicais a partir de *splinters*. Em linhas gerais, *splinters* são partes não-morfêmicas resultantes de processos não-concatenativos de formação de palavras, como o truncamento e o cruzamento vocabular, utilizadas com alguma recorrência na criação de novas formas linguísticas. Bauer (2004: 77) assim define esse tipo de partícula:

Splinter é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras. Como exemplo familiar, considere a palavra ‘alcoholic’. Em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em ‘alcohol’ e ‘-ic’. Mas essa palavra

¹⁰ Ferreira (2011) chegou a recolher o surpreendente montante de quase 450 construções *tele-X*. Embora o número de formas com *auto-* e *moto-* seja menor, também chama atenção a quantidade de recompostos com essas formas que Belchor (2011) conseguiu reunir cerca de 100 exemplares. Em Oliveira & Gonçalves (2011), foram analisadas cerca de 100 formações em *eco-* e 80 em *homo-*. Como se vê, os poucos trabalhos sobre o fenômeno mostram a alta aplicabilidade das formas examinadas.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

foi reanalisada como alc-obolic, e o novo splinter -obolic (variavelmente soletrado), em seguida, re-ocorre em palavras como chocobolic, spendabolic e shopobolic.

Pelas definições, observa-se que *splinters* se assemelham a radicais, mas também ostentam propriedades de afixos, como o fato de serem formas presas, a realização das formas complexas sob um único acento e a fixação desses elementos numa borda específica da palavra. Como se vê em (20), são mais comuns em português *splinters* finais:

- (20) *splinters* iniciais: *caipi-* (<< caipirinha), *fran-* (<< frango), *choco-* (<< chocolate), *euro-* (<< Europa, europeu), *info-* (<< informática; informação)

splinters finais: *-nese* (<< maionese), *-trocínio* (<< patrocínio), *-drasta* (madrasta), *-lé* (<< picolé), *-tone* (<< panetone), *-ranha* (<< piranha), *-neja* (<< (música) sertaneja), *-lândia* (<< Disneylândia), *-asta* (<< cineasta)

Bauer (2005: 245) assim se posiciona em relação aos *splinters*: “*uma vez que splinters podem se transformar em afixos ou palavras, parece que temos uma situação em que não está claro se as novas formas serão derivadas ou compostas*”. De fato, as formações com *splinters* não podem ser consideradas composições prototípicas, dadas as características acima mencionadas. No entanto, a vinculação a palavras, por evocação às formas de onde partiram, nas fusões vocabulares (‘sogradrasta’ << “madrasta do cônjuge”) ou nos truncamentos (‘info-peças’ << “peças de informática”), a baixa aplicabilidade e, sobretudo, a capacidade de esses fragmentos se co-anexarem afastam a possibilidade de analisá-los como afixos, como se vê nos exemplos abaixo:

- (21) *caipi-lé* (“picolé de caipirinha”)
choco-tone (“panetone de chocolate”)
choco-lândia (“lugar de venda de chocolates”)
euro-trocínio (“patrocínio dos países europeus”)

Tem-se, com os *splinters*, mais uma evidência de que a distinção afixo-radical não é discreta. Antes de passarmos à próxima categoria selecionada para análise, os chamados xenoconstituintes, cabe enfatizar a diferença entre *splinters* e afixoides, de modo a argumentar, seguindo Kastovsky (2009), em favor do abandono do termo genérico *forma combinatória*, amplamente utilizado em referência a esses dois tipos de constituintes: afixoides são elementos morfológicos que experimentam novos usos, diferindo, portanto, de *splinters*, cujo estatuto de morfema sem dúvida alguma é mais questionável, já que são porções não-significativas reinterpretadas como entidades morfológicas em função da recorrência. Além disso, como mostra Gonçalves (2011a), formas morfológicamente relacionadas por recomposição são bem mais numerosas na língua que palavras envolvendo *splinters*.

5. FORMAÇÃO COM XENOCONSTITUINTES

O termo xenoconstituente, cunhado por Gonçalves & Almeida (2011), rotula partes de palavras que não correspondem a radicais neoclássicos, como *homo-* e *eco-*, nem a partes de palavras combinadas entre si (‘choco-tone’) ou com outras palavras (‘tia-drasta’; ‘mãe-trocínio’). Para os autores, xenoconstituente é um fractoconstituente (*splinter*) sem correspondente com

arqueconstituente ou *splinter* vernáculos. Tomemos como exemplo a palavra inglesa ‘*pit-bull*’, que designa uma espécie canina. Como essa raça protagonizou vários ataques a pessoas ou a outros cães, associou-se, por metonímia, a “agressividade, violência, ferocidade”. De acordo com Gonçalves & Almeida (2011: 112), “*essa fonte, com seu contexto, serviu de modelo para a construção de palavras que começaram a circular na língua, como ‘pit-boy’ (rapaz normalmente fortinbo, que gera briga em boates)*”.

Em relação a *pit-* e a outros elementos emprestados do inglês nas últimas décadas, um fato interessante é a combinação com itens nativos, na formação de inúmeras palavras novas em português. No caso de *pit-*, o elemento passou a designar, nas construções morfológicas em que se fixou à esquerda (em conformidade com o modelo, ‘*pit-bull*’), “agressivo, violento, feroz”, como se vê nos exemplos a seguir:

- | | | |
|------|-----------|--------------|
| (22) | pit-babá | pit-pai |
| | pit-bicha | pit-bebê |
| | pit-sogra | pit-namorado |

Nesses mesmos moldes, um formativo do inglês bem difundido em português é *-gate*, cujo comportamento assemelha-se ao de *-burger*, ou seja, uma reinterpretação do segundo constituinte de um provável composto, convertido em semi-palavra ou *splinter* final. Assim como *burger* se tornou um item lexical, o mesmo pode estar acontecendo com *gate*, no sentido de “escândalo político”, como atestam os exemplos a seguir, extraídos de Gonçalves (2011a):

- (23) *Banheiro gate*: escândalo vergonhoso para os aldeenses. A presidência da Câmara Municipal resolveu quebrar a parede de vários gabinetes para juntá-los, diminuindo o número de 15 para 10 unidades, dotar esses gabinetes de um banheiro privativo com chuveiro para os vereadores.

Foram vários, mas o caso mais vergonhoso foi o *Piquet-gate*. A fórmula 1 infelizmente é marcada por corrupção.

O escândalo, apelidado de “*Panetone Gate*”, caiu na graça de blogueiros, redes sociais e sites de protestos. Também pudera: maconha em *panetone*...

A Justiça os considera envolvidos no “escândalo da maleta”, também ironicamente chamado de *Maleta-gate*.

Os *e*-termos, como ‘*e-professor*’ (“professor virtual”) e ‘*e-pipoca*’ (“cinema pela *internet*”), são também xenoconstituíntes empregados nas estruturas morfológicas do português. As formas com *e-* por vários motivos se aproximam dos prefixos: (a) atuam como formas presas, (b) antepõem-se às bases a que se adjungem, sem alterar a classe gramatical do produto e (c) são elementos secundários, subordinados ao núcleo na estrutura DT-DM (determinante – determinado).

Assim, do ponto de vista formal, o xenoconstituente *e-* associa-se ao padrão de prefixação em português, pois é categorialmente neutro, formando palavras complexas cuja classe gramatical é idêntica à da forma à direita, a cabeça lexical. Entretanto, manifesta um conteúdo menos

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

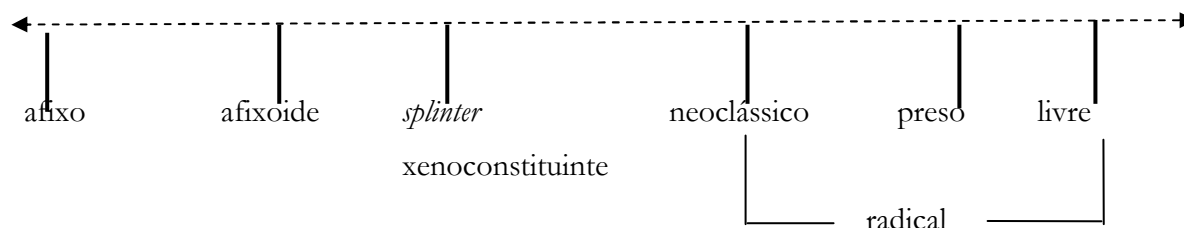
gramatical e caracteriza-se por menor grau de previsibilidade semântica, já que podem ser focalizados diferentes aspectos da informação veiculada em meio eletrônico (GONÇALVES & ALMEIDA, 2011: 121). Essas diferenças e semelhanças justificam a presença desses formativos em um *continuum* afixo-radical.

6. PROPOSTA DE UM *CONTINUUM* DE FORMATIVOS

Como se vê, os processos de formação de palavras não se valem tão-somente de afixos e radicais (sejam estes neoclássicos, presos ou livres), mas também de outros elementos morfológicos (*splinters*, xenoconstituintes e afixoides), os quais devem ser incluídos no *continuum* proposto em (10), redimensionado em (24), a seguir, uma vez que (a) possuem comportamento específico e não podem ser categorizados, sem ressalvas, nem como afixos nem como radicais e (b) portam conteúdo que varia em densidade semântica.

Cabe ressaltar, lembrando Bauer (2005), que elementos que já foram afixos podem assumir, ainda que raramente, estatuto de palavra. Em contrapartida, partes de palavras, desprovidas de estatuto morfológico, podem ser promovidas, com relativa frequência, a afixos (DANKS, 2003; FANDRYCH, 2008). Portanto, a mudança morfológica consitui evidência empírica em favor de um *continuum* de formativos, em que as fronteiras são mais permeáveis:

(24)



PALAVRAS FINAIS

Neste artigo, abordamos a difusa categorização de novos constituintes morfológicos, que, em nossa opinião, desafiam, sobremaneira, a interpretação tradicional do fenômeno da criação lexical. Contra algumas propostas anteriores, que inserem os *splinters* e os afixoides em um grupo genérico denominado de *formas combinatórias*, propomos, seguindo Kastovsky (2009), uma separação desses elementos, tendo em vista que, além de diferentes em vários aspectos, exibem mais/menos características de radicais ou afixos, localizando-se em diferentes pontos do *continuum* proposto. Tais formativos não são, portanto, marginais, embora apresentem diferentes graus de aplicabilidade, sendo afixoides e xenoconstituintes bem mais produtivos que *splinters*.

Ao refutar o rótulo genérico *forma combinatória* para *splinters*, afixoides e xenoconstituintes, atingimos uma melhor compreensão sobre esses elementos morfológicos, que, como demonstramos, têm características próprias e diferenças consideráveis em relação aos vários critérios empíricos utilizados para distinguir afixos de radicais. Em nossa proposta, esses neoconstituintes apresentam características semânticas e formais peculiares, refletindo, conseqüentemente, o processo pelo qual novas palavras são formadas.

Por certo, uma classificação nos moldes aristotélicos, feita com base no *tudo-ou-nada*, não consegue acolher uma gama variada de formativos envolvidos na criação de palavras em português, uma vez que pressupõe que as categorias (a) são definidas por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, (b) têm fronteiras claramente definíveis e (c) são constituídas por membros com idêntico estatuto.

Em contrapartida, uma abordagem por protótipos, como a aqui defendida, assume que (a) as categorias não têm fronteiras claramente demarcadas e, por isso mesmo, podem mudar com o decorrer do tempo e (b) nem todos os representantes da classe têm idêntico estatuto: alguns são mais centrais e outros, mais periféricos. Portanto, a categorização com base em protótipos e por meio de *continuum* se mostra mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português, uma vez que as fronteiras entre os vários tipos de formativos não são tão nítidas e alguns elementos se encaixam numa categoria com mais precisão que outros.

Algumas questões se destacam como tópicos para pesquisas futuras, quando se tem em mente delinear uma descrição detalhada das construções que se valem desses formativos e apontar as semelhanças e diferenças em relação à composição e à derivação, que estão mais amplamente documentadas. Não fornecemos um estudo de caso relativo a essas operações morfológicas, de alta produtividade e relevância para a formação de palavras, entendendo que se realizam a partir de radicais livres e afixos, noções exaustivamente veiculadas na literatura, mesmo que discutíveis.

Por fim, temos observado que o surgimento de *splinters* propriamente ditos e de *e*-termos está diretamente correlacionado, nessa ordem, ao domínio conceptual da culinária e da *internet*, o que mais uma vez vem provar que a necessidade de designar novos referentes impulsiona não só a criação de palavras mas também a de itens gramaticais. Contudo, essa é uma questão que ultrapassa os limites deste artigo e será abordada em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ANTUNES, M.; CORREIA, S. & GONÇALVES, R. *E-termos: descrição e hipótese de classificação*. In: Mendes, A. & Freitas, T. (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri, p. 121-130, 2008.

BAKER, M. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In S. Bendjaballah et als (eds.) *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 21-104.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

BAUER, L. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 508-509, 1979.

BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português

- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, p. 403-422, 1998.
- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. *et al.* (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- BELCHOR, A. P. V. O processo de Recomposição no Português do Brasil a partir de *auto* e *moto*. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 153-169, 2011.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.
- BOOIJ, G. *The Morphology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CANO, W. M. O Formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, São Paulo, 42: 9-22, 1998.
- CHUNG, K. S. "Putting Blends in their Place". Trabalho apresentado em Conferência sobre Universais e Tipologia em Formação de Palavras. Universidade P. J. Šafárik, Košice, Slovakia, realizado em 18 e 19 de agosto de 2009.
- CORBIN, D. & PAUL, J. Aperçus sur la créativité morphologique dans la terminologie de la chimie. *La banque des mots* 60, p. 51-68, 2000.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DANKS, D. *Separating Blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. University of Liverpool, 2003.
- FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. In *Lexis – E-Journal in English Lexicology* 2: Submorphemics, 2008.
- FERREIRA, R. G. Da *telepatia* ao *telejornal*: um estudo morfossemântico da recomposição a partir de *tele*. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 133-151, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Flexão e Derivação em Português*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fac Letras/UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Língu@gem*, Uberlândia, 5, 2011a.
- GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.
- GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P. v. 8, n. 1/2, p. 151-170, 2004.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Por uma Cibernofologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português. In: MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2011.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010.

IORGU, I. & MANOLIU, M. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung. 1925.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.

KATAMBA, F. *Morphology*. New York: Maxmillian, 1990.

KENESEI, I. *Semiwords and affixoids: the territory between word and affix*. Budapest, Research Institute for Linguistics, Budapest, 2007.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), p. 3-28, 1998.

MARCHAND, H. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1969.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EdUFC, 1987.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

PRÉIÉ, T. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, 2008.

RALLI, A. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

RALLI, A. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals (STUF)*, p. 19-38, 2008.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SCHMIDT, G. Das Affixoid. Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs in der Wortbildung. In Gabriele Hoppe, Alan Kirkness & Elisabeth Link (eds.), *Deutsche Lehnwortbildung. Beiträge zur Erforschung der Wortbildung mit entlehntenWB-Einbeiten im Deutschen*, p. 53–101, 1987.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise Morfofonológica*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

WARREN, B. (1990). The Importance of Combining Forms. In W. Dressler *et al.* (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 111-132, 1990.

**THE STATUS OF MORPHOLOGICAL ELEMENTS AND THE *CONTINUUM* COMPOUNDING-
DERIVATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE**

Abstract: *In this paper, We discuss the status of the following morphological elements, often used in new word formations in Brazilian Portuguese: affixoids (bio-combustível, eco-sustentabilidade), splinters (choco-tone; sagra-drasta) and borrowed constituents (cyber-café; e-professor). In our description, We observe the extent to which these constituents behave as radicals and in what ways are equivalent to affixes. We intend, thereby, ratify the continuum proposed by Baker (2000) and Ralli (2007), at same time We show that other morphological units, as well as radicals and affixes, should be part of this scale.*

Keywords: *Morphology, Compounding, Derivation, Word Formation, Continuum.*